

Instruções

Você está recebendo:

- este caderno com o enunciado das questões objetivas, discursivas e relativas às suas impressões sobre a prova, obedecendo à seguinte distribuição:

Partes	Questões	Páginas	Valor
Questões objetivas	1 a 40	2 a 12	100
Questões discursivas	1 a 4	13 a 14	100
Rascunho das questões discursivas	*	15	---
Impressões sobre a prova	41 a 49	16	---

* Das 4 questões apresentadas, devem ser respondidas 1 questão de **Língua** e 1 questão de **Literatura**.

- 1 Folha de Respostas destinada às respostas das questões objetivas e de impressões sobre a prova. O desenvolvimento e as respostas das questões discursivas, a caneta esferográfica de tinta preta, deverão ser dispostos nos espaços especificados.

Verifique se este material está em ordem e se o seu nome na Folha de Respostas está correto. Caso contrário, notifique imediatamente a um dos Responsáveis pela sala.

Após a conferência, você deverá assinar a Folha de Respostas, a caneta esferográfica de tinta preta, e assinalar o gabarito correspondente à sua prova ① , ② , ③ ou ④ .

Na Folha de Respostas, a marcação das letras, correspondentes às suas respostas (apenas uma resposta por questão), deve ser feita preenchendo todo o alvéolo a lápis preto nº2 ou a caneta esferográfica de tinta preta, com um traço contínuo e denso.

Exemplo: A B C D E

Tenha cuidado com a Folha de Respostas, para não a dobrar, amassar ou manchar.

Não são permitidas consultas a material bibliográfico, cadernos ou anotações de qualquer espécie, ou utilização de calculadora.

Você pode levar este Caderno de Questões.

Quando terminar, entregue a um dos Responsáveis pela sala a Folha de Respostas e assine a Lista de Presença. Cabe esclarecer que nenhum graduando deverá retirar-se da sala antes de decorridos 90 (noventa) minutos do início do Exame.

OBS.: Caso ainda não o tenha feito, entregue ao Responsável pela sala as respostas da Pesquisa e as eventuais correções dos seus dados cadastrais. Se não tiver trazido as respostas da Pesquisa você poderá enviá-las diretamente ao INEP (Edifício - Sede do MEC, Anexo I - Esplanada dos Ministérios, Bloco "L" - Brasília, DF - CEP 70047-900).

Você terá 4 (quatro) horas para responder às questões objetivas, discursivas e de impressões sobre a prova.

LETRAS

OBRIGADO PELA PARTICIPAÇÃO!

A formação de um profissional de Letras deve capacitá-lo a abordar o texto em diferentes níveis e a partir de diferentes perspectivas. Por isso, as questões desta prova remetem a textos que se caracterizam por explorar aspectos diversos, relacionados à forma e ao uso que a linguagem adquire em diferentes gêneros e situações.

Instruções: Para responder às questões de números 1, 2, 3 e 4, considere a carta abaixo, de autoria de um estudante de segundo grau, enviada a um especialista em língua portuguesa que assina uma coluna em um órgão da imprensa.

Belo Aprazível, 26 de outubro de 1999.

Ilmo. Senhor,

ASSUNTO: *Uso de "a gente" como pronome do caso reto eu e nós.*

Muito timidamente, algumas figuras no cenário da gramática normativa tem se expressado desfavorável ao uso do "a gente" como pronome do caso reto.

Os professores concordam que dentro do diálogo entre pessoas é possível exprimir-se sem maiores complicações. No entanto, são visceralmente contra grafar, na redação, estes dois vocábulos. Segundo eles, constitui-se erro mesmo.

Assistindo ao Bom Dia São Paulo, 25/10/99, perdi a conta de tantos "a gente" pronunciados no trabalho da repórter. Salvo engano, ela falou umas vinte vezes. (...)

Como estudante, estou preocupado. Se os expoentes máximos deixaram-se levar por esta onda antigramatical, não estaríamos caminhando para a deteriorização da gramática normativa? Estaríamos vivendo uma nova contra reforma?

Foi através das primeiras aulas de gramática do vestibulando bem como das aulas de gramática do Telecurso 2000, que a incidência tornou-se aparente (os professores comportam-se como verdadeiros gramáticos. Logo após, desandam a destruir o que propuseram).

(...) Sua manifestação será uma enorme chance para eu conhecer mais sobre a mobilidade do nosso idioma.

Atenciosamente,

O.F.

1. Textos que tratam de questões ideológicas, políticas, culturais etc. apresentam com frequência, explícita ou implicitamente, posições divergentes. É o caso do texto acima, no qual, a propósito da questão do padrão linguístico, estão expressas posições **inovadoras** e posições **conservadoras**. Nesse texto, a contradição aparece nas seqüências

- (A) *algumas figuras no cenário da gramática normativa tem se expressado desfavorável / segundo eles, constitui-se erro mesmo.*
- (B) *dentro do diálogo é possível exprimir-se sem maiores complicações / são visceralmente contra grafar, na redação...*
- (C) *salvo engano, ela falou umas vinte vezes / segundo eles, constitui-se erro mesmo.*
- (D) *estaríamos vivendo uma nova contra reforma? / desandam a destruir o que propuseram.*
- (E) *mobilidade de nosso idioma / deteriorização de nossa gramática normativa.*

2. Que a língua portuguesa não é imutável está apresentado **como um fato** na expressão

- (A) *estaríamos vivendo uma nova contra reforma?* – hipótese expressa pelo futuro do pretérito.
- (B) *a mobilidade do nosso idioma* - pressuposição expressa por nominalização.
- (C) o contexto da matéria está carregado do famoso "a gente" - fato expresso pelo verbo "estar".
- (D) *a mobilidade de nosso idioma* - pressuposição expressa pelo artigo definido.
- (E) *estaríamos vivendo uma nova contra reforma?* – discurso indireto expresso pelo futuro.

3. O autor do texto manifesta preocupação com o uso de "a gente" em vez de "nós". No entanto, emprega outras formas que, do ponto de vista **conservador**, também são sintomas de discrepância entre a prática e a gramática. São exemplos de formas **inovadoras**, não abonadas pelas gramáticas normativas:

- (A) *prestar atenção no uso* em vez de *prestar atenção ao uso*; *mobilidade* em vez de *movimento*.
- (B) *grafar* em vez de *escrever*; *prestar atenção no uso* em vez de *prestar atenção ao uso*.
- (C) *desfavorável* em vez de *desfavoravelmente*; *constitui-se erro* em vez de *constitui erro*.
- (D) *desfavorável* em vez de *desfavoravelmente*; *propuseram* em vez de *proporam*.
- (E) *algumas figuras no cenário* em vez de *algumas figuras do cenário*; *mobilidade* em vez de *movimento*.

4. Em relação ao fato, mencionado na carta, de professores ensinarem a forma "nós" e usarem a forma "a gente", é correto afirmar, de uma perspectiva sociolinguística, que eles

- (A) distinguem adequadamente os graus de formalidade associados a diferentes contextos de uso da oralidade e da escrita.
- (B) desconhecem as regras de uso dos pronomes pessoais em português.
- (C) apresentam um comportamento linguístico incoerente, variando aleatoriamente no uso de "nós" e de "a gente".
- (D) insistem no ensino de formas em desuso na língua, embora usem, eles mesmos, formas inovadoras.
- (E) têm dúvidas quanto à maneira correta de se expressar diante de seus alunos, pois não tiveram uma boa formação pedagógica.

Instruções: Para responder às questões de números 5, 6 e 7, considere o poema abaixo, de **O livro das ignoranças** (1993), do poeta Manoel de Barros.

VII

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

– Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

5. A leitura do poema permite afirmar corretamente que o Padre Ezequiel

- (A) não se preocupou com o comportamento inusitado do aluno porque o considerava muito criança para exigir dele um profundo conhecimento da língua.
- (B) respeitou o "gosto esquisito" do aluno porque acreditava na sua competência de mestre para, aos poucos, ensinar-lhe a linguagem culta.
- (C) incentivou no menino o prazer pela fuga ao lugar comum da linguagem para que, sozinho, descobrisse que é impossível alguém "errar bem" o próprio idioma.
- (D) estendeu-se em considerações sobre a inquietação do menino por reconhecer, em seu gosto por arranjos incomuns de linguagens, comportamento de poeta.
- (E) procurou tranquilizar o menino quanto às suas simpatias esquisitas para mostrar-lhe, depois, outras maneiras de apreciar uma frase, mais próprias de uma pessoa culta.

6. Um exemplo do que o autor considera **agramática** é

- (A) "*Veja que bugre só pega por desvios*", porque a gramática condena a elipse do sujeito em "veja que bugre..."
- (B) "*Você não é de bugre?*", porque a gramática pede que venha explícito o núcleo do predicativo.
- (C) "*Há que apenas saber errar bem o seu idioma*", porque, para a gramática, "errar bem" é um vício de linguagem.
- (D) "*A doença delas*", porque a gramática condena a violação de princípios semânticos (frases não ficam doentes).
- (E) "*Esse Padre Ezequiel*", porque a gramática condena o uso de pronomes demonstrativos diante de nomes próprios.

7. Entendendo-se "*Há que apenas saber errar bem o seu idioma*" como um dos fundamentos de uma poética, essa frase de Manoel de Barros pode ser vista como uma retomada pessoal de

- (A) concepções que nortearam a revolução estilística de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis.
- (B) princípios radicais da poesia concreta, sistematizados em manifesto da década de 50.
- (C) convicções de poetas do Modernismo de 22, quando tinham em mira uma expressão libertária.
- (D) oscilações entre expressão verbal e lapsos de silêncio, manifestas na prosa madura de Clarice Lispector.
- (E) convicções estéticas dos nossos primeiros românticos, interessados na afirmação da língua nacional.

Instruções: Para responder às questões de números 8, 9 e 10, considere o seguinte texto de Millôr Fernandes, extraído do CD-Rom **"Millôr – Em busca da imperfeição"**.

Selva Selvaggia

1 De repente um terror me sacode. Penetrei distraído
2 e sinto que estou perdido na terrível floresta da
3 linguagem do Roberto Campos. Ignorando a estrada
4 sintática, ele me trouxe a zonas praticamente
5 intransponíveis. Sem querer me entregar ao medo, vou
6 tropeçando em anglicismos, latinismos, barbarismos e
7 idiotismos de linguagem, quando ouço o silvar de
8 vocábulos paragógicos. Caio no areal dos solecismos e
9 sou mordido por vários anacolutos. A custo, afastando
10 duas redundâncias e esmagando um horrendo
11 pleonismo, escorregando em sinistras hipérboles,
12 agarro-me a um verbo auxiliar e a um complemento
13 essencial. Porém, hibridismos me barram o caminho.
14 Ensurdido por rotacismos e lambdacismos, arranhado
15 por orações anfibológicas, recuo para cair no terrível
16 cipoal da regência robertiana, de onde poucos escapam
17 com vida. Galhos de corruptelas me cortam o rosto,
18 enquanto sufoco com o cheiro dos defectivos. Ponho o
19 pé num nome próprio que acho seguro, mas logo seis
20 substantivos deverbais saltam sobre mim. Não tendo
21 fuga, me protejo com uma próclise, evitando duas
22 espantosas mesóclises e aproveito um advérbio de
23 negação para atrair três pronomes relativos colocados
24 em posições ameaçadoras. Estou esgotado: felizmente -
25 coisa rara nesse tremedal! - surge a clareira de um
26 parágrafo.

27 Voltar não é mais possível. Avanço pois, abrindo
28 parêntesis, onde enfio arcaísmos, anacronismos,
29 expressões chulas e ambivalentes. Uma silepse espera-
30 me mais à frente. Desvio-me com uma vírgula, engano
31 uma prosopopéia, sou envolvido por diversos
32 parequemas a que logo se juntam odiosas ressonâncias
33 verbais. Descanso sobre as reticências quando ouço o
34 tantã das interjeições pejorativas emitidas por sujeitos
35 ocultos por elipse. Apócopes! Escapo pela picada do
36 eufemismo e paro para respirar no fim de um período
37 simples. Avanço pela pedreira dos metaplasmos, luto
38 com apofonias, salto o pantanal dos cacófatos, esbarro
39 em cacografias, empurro cacologias, me arrasto pela
40 cacoépia. Estou sufocado de exaustão diante de uma
41 centena de substantivos promíscuos, já desespero,
42 quando percebo o ponto final.

43 Estou salvo - Roberto Campos acaba sempre
44 num lugar comum.

8. O termo "metaplasmo" vem do grego e significa "mudança de forma". Nos estudos de gramática histórica, seu uso sempre esteve relacionado às mudanças fonéticas das formas lingüísticas em sua evolução. Nesse sentido, pode-se dizer que Millôr não faz um uso casual da palavra "pedreira" na expressão *"avanço pela pedreira dos metaplasmos"* (linha 37), porque, na evolução do sufixo *-eir(o, a)* (que deriva do latim clássico *-ari(o, a)* através do latim vulgar *-eir(o, a)*), ocorreu o metaplasmo conhecido como

- (A) metátese de vogal.
- (B) síncope de vogal.
- (C) apócope de vogal.
- (D) epêntese de vogal.
- (E) prótese de vogal.

9. Para ler adequadamente este texto, o leitor deve dar-se conta de que, assim como no exemplo mencionado na questão anterior, há outros casos em que o autor transforma a própria construção em um exemplo de algo que menciona. Uma ocorrência clara deste jogo é

- (A) *me protejo com uma próclise* (linha 21).
- (B) *engano uma prosopopéia* (linhas 30 e 31).
- (C) *advérbio de negação para atrair três pronomes* (linhas 22 e 23).
- (D) *uma silepse espera-me mais à frente* (linhas 29 e 30).
- (E) *cipoal da regência robertiana* (linha 16).

10. Um dos fatos gramaticais explorados por Millôr aparece com muita frequência em seu texto e costuma ser apontado como uma das marcantes diferenças que hoje distinguem o português brasileiro daquele falado em Portugal. Tal fenômeno diz respeito à

- (A) flexão verbal.
- (B) concordância nominal.
- (C) regência verbal.
- (D) colocação pronominal.
- (E) linguagem figurada.

Instruções: Para responder às questões de números 11, 12 e 13, considere o texto seguinte de Luiz Fernando Veríssimo, no livro **A versão dos afogados**.

Certas Palavras

1 Certas palavras dão a impressão de que voam ao
2 sair da boca. "Sílfide", por exemplo. Diga "sílfide" e fique
3 vendo suas evoluções no ar, como as de uma borboleta.
4 Não tem nada a ver com o que a palavra significa.
5 "Dirigível" não voa, "aeroplano" não voa e "bumerangue"
6 mal sai da boca. "Sílfide" é o feminino de "silfo", o espírito
7 do ar, e quer dizer a mesma coisa diáfana, leve e
8 borboleteante. Mas experimente dizer "silfo". Não voou,
9 certo? Ao contrário da sua fêmea, "silfo" não voa. Tem o
10 alcance máximo de uma cuspida. "Silfo", zupt, plof. A
11 própria palavra "borboleta" voa mal. Bate as asas, tenta
12 se manter aérea, mas se choca contra a parede e cai.

13 Sempre achei que a palavra mais bonita da língua
14 portuguesa é "sobrancelha". Esta não voa mas paira no
15 ar. Já a terrível palavra "seborréia" escorre pelos cantos
16 da boca e pinga no tapete.

17 Às vezes fico tentado a usar a palavra "amiúde",
18 mas sempre hesito, temendo a quarentena social. E tam-
19 bém porque amiúde penso que "amiúde" devia ser duas
20 palavras, como em "Ele entrou na sala à Miúde", ou à
21 maneira do Miúde, seja o Miúde quem for. Muitas pala-
22 vras pedem outro significado do que os que têm. "Plúm-
23 beo" devia ser o barulho que um objeto faz ao cair na
24 água. "Almoxarifado" devia ser um protetorado do sheik Al
25 Moxaríf. "Alvíssaras" deviam ser flores, "picuinha" um
26 tempero e "lorota", claro, o nome de uma manicure gorda.

27 Vivemos numa era paradoxal em que tudo pode ser
28 dito claramente e mesmo assim os eufemismos pululam.
29 (Pululas: moluscos saltitantes que se reproduzem muito.)
30 O empresário moderno não demite mais, faz um
31 downsizing, ou redimensionamento para baixo da sua
32 empresa. O empregado pode dizer em casa que não
33 perdeu o emprego, foi downsizeado, e ainda impressionar
34 os vizinhos. E não entendi por que "terceirizar" ainda não
35 foi levado para a vida conjugal. Maridos podem explicar
36 às suas mulheres que não têm exatamente amantes,
37 terceirizaram a sua vida sexual. E, depois, claro, devem
38 sair de perto à Miúde.

11. O modo como o cronista lida com "certas palavras" no primeiro parágrafo do texto o aproxima do comportamento de poeta que

- (A) confere aos sons papel tão relevante quanto o que atribui às letras.
- (B) estabelece relação sensorial com o signo lingüístico.
- (C) sobrepõe o valor semântico ao aspecto formal do signo.
- (D) articula a relação entre som e letra de maneira não prevista pelo código.
- (E) define conceitos em vez de apresentá-los de modo sugestivo.

12. Nesse texto eminentemente metalingüístico, no qual o cronista tece considerações sobre várias palavras, um signo que não foi explorado na sua materialidade é:

- (A) *bumerangue* (linha 5).
- (B) *sílfide* (linha 6).
- (C) *plof* (linha 10).
- (D) *seborréia* (linha 15).
- (E) *terceirizar* (linha 34).

13. Se a pronúncia da palavra "sílfide" for [síwfidʒi] e se sua representação fonológica for /sílfide/, então

- I. / e / transforma-se em [i] por assimilação e / l / transforma-se em [w] em final de sílaba.
- II. / e / torna-se [i] em posição átona final e / l / transforma-se em [w] em final de sílaba.
- III. / e / torna-se / i / por harmonia vocálica (todas as vogais se tornam iguais).
- IV. / d / transforma-se em /dʒ/ somente se /e/ se transforma em [i].

É correto o que se afirma apenas em

- (A) IV.
- (B) I e II.
- (C) II e IV.
- (D) I, II e III.
- (E) II, III e IV.

Instruções: Para responder às questões de números 14, 15 e 16, considere o texto abaixo de Rubem Braga, do livro **Ai de ti, Copacabana**.

"Quando a alma vibra, atormentada..."

Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas. E lá estava o meu nome, que pela primeira vez eu via em letra de forma. O jornal era "O Itapemirim", órgão oficial do "Grêmio Domingos Martins", dos alunos do Colégio Pedro Palácios, de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo.

O professor de Português passara uma composição: "A lágrima". Não tive dúvidas: peguei a pena e me pus a dizer coisas sublimes. Ganhei 10, e ainda por cima a composição foi publicada no jornalzinho do colégio. Não era para menos:

"Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado pelo peso da desgraça, este, numa explosão irremediável, num desabafo sincero de infortúnios, angústias e mágoas indefiníveis, externa-se, oprimido, por uma gota de água ardente como o desejo e consoladora como a esperança; e esta pérola de amargura arrebatada pela dor ao oceano tumultuoso da alma dilacerada é a própria essência do sofrimento: é a lágrima".

É claro que eu não parava aí. Vêm, depois, outras belezas; eu chamo a lágrima de "traidora inconsciente dos segredos d'alma", descubro que ela "amolece os corações mais duros" e também (o que é mais estranho) "endurece os corações mais moles". E acabo com certo exagero dizendo que ela foi "sempre, através da História, a realizadora dos maiores empreendimentos, a salvadora miraculosa de cidades e nações, talismã encantado de vingança e crime, de brandura e perdão".

Sim, eu era um pouco exagerado; hoje não me arriscaria a afirmar tantas coisas. Mas o importante é que minha composição abafara e tanto que não faltou um colega despeitado que pusesse em dúvida a sua autoria: eu devia ter copiado aquilo de algum almanaque.

14. Nesse trecho de crônica, ao se referir ao estilo das suas composições de estudante, Rubem Braga deixa sugerido que, em seu ofício de cronista,

- (A) veio a intensificar as características poéticas e retóricas que lhe garantiram o sucesso quando jovem autor, ao tempo da primeira publicação.
- (B) perdeu a sinceridade que marcava seus escritos de estudante, quando expressava, de modo mais despojado, os sentimentos mais sublimes.
- (C) conservou a primitiva atração pelas hipérboles, ao mesmo tempo em que já não alimenta a mesma ilusão quanto ao prestígio das palavras impressas.
- (D) distanciou-se do tipo de retórica que marcava aquelas composições, em decorrência da consciência crítica e da ironia de adulto.
- (E) valeu-se do aprendizado escolar para vir a dominar uma linguagem que, adaptada ao modelo da crônica, preservaria o lirismo da adolescência.

15. O autor menciona que um colega questionara a autoria da composição. Considerando essa informação, é correto afirmar que o trecho "eu devia ter copiado aquilo de algum almanaque" é um caso de

- (A) discurso indireto, que, em discurso direto, equivaleria a "eu devo ter copiado isso de algum almanaque".
- (B) discurso direto, que, em discurso indireto, equivaleria a "você deve ter copiado aquilo de algum almanaque".
- (C) discurso indireto, que, em discurso direto, equivaleria a "você deve ter copiado isso de algum almanaque".
- (D) discurso direto, que, em discurso indireto, equivaleria a "eu deveria ter copiado isso de algum almanaque".
- (E) discurso indireto livre, que, em discurso direto, equivaleria a "você deve ter copiado aquilo de algum almanaque".

16. Em "eu devia ter copiado aquilo...", o modal "dever" implica

- (A) certeza.
- (B) probabilidade.
- (C) possibilidade.
- (D) dúvida.
- (E) improbabilidade.

Instruções: Para responder as questões de números 17, 18 e 19, considere o texto abaixo, de Clarice Lispector, do livro **A hora da estrela**.

1 Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada
2 vez mais simples. Aliás o material de que disponho é
3 parco e singelo demais, as informações sobre os
4 personagens são poucas e não muito elucidativas,
5 informações essas que penosamente me vêm de mim
6 para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.

7 Sim, mas não esquecer que para escrever não-
8 importa-o-que o meu material básico é a palavra. Assim é
9 que esta história será feita de palavras que se agrupam
10 em frases e destas se evolva um sentido secreto que ul-
11 trapassa palavras e frases. É claro que, como todo escri-
12 tor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço
13 adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos
14 tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de
15 ação, já que palavra é ação, concordais? Mas não vou
16 enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse
17 pão se tornará em ouro – e a jovem (ela tem dezenove
18 anos) e a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de
19 fome. Tenho então que falar simples para captar a sua
20 delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente -
21 mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já
22 não seria humilde - limito-me a contar as fracas aventu-
23 ras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela
24 que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido
25 de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão
26 mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante
27 era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por
28 letra - a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à
29 máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim
30 datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na
31 linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda
32 e redonda do amado chefe a palavra "designar" de modo
33 como em língua falada diria: "designuinar".

17. No fragmento " *Assim é que ... vaga existência.* ", linhas 8 a 20, Rodrigo reflete sobre sua conduta de narrador em **A hora da estrela** e avalia o desafio da tarefa a que se propôs – desafio sobretudo de
- (A) resistir à tentação dos excessos de retórica, muito embora tais excessos pudessem vir a aproximá-lo do complexo universo das experiências da protagonista.
 - (B) alcançar uma elocução simples que, acolhendo os significados ocultos que das frases se desprendem, se ajuste à condição existencial de Macabéa.
 - (C) perseguir a vivacidade das palavras, que está longe de dominar inteiramente, para tornar convincente uma personagem que se expressa de modo simples e preciso.
 - (D) eliminar de seu discurso qualquer palavra ou frase que sugira um sentido oculto, para melhor acentuar a objetividade que marca as decisões de Macabéa.
 - (E) traduzir em linguagem despojada o rico mundo interior de uma personagem em cujo discurso se formulam as mais fundas especulações existenciais.
-
18. *Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.*
- Sobre a estrutura do fragmento acima, em que se repetiu o início da frase interrompida pelos travessões, é correto afirmar que
- (A) a omissão de "humildemente", na frase retomada, justifica-se porque sua repetição negaria o desejo do narrador de mostrar-se modesto.
 - (B) a retomada do início da frase ocorre porque a interferência dos travessões comprometeu a seqüência do período, que ficaria incorreto sem a repetição.
 - (C) o advérbio "humildemente" foi omitido na frase repetida porque o seu emprego seria inadequado, dada a natureza do material da narrativa.
 - (D) a presença dos travessões permite que o sujeito da enunciação confirme seu ponto de vista acerca da matéria a ser narrada.
 - (E) o narrador retoma a frase inicial do período porque, com a redundância, evita qualquer ambigüidade que desvie o leitor do sentido desejado.
-
19. Segundo o narrador, a personagem diz "desiguinar" porque não aprova duas consoantes juntas. Uma análise fonológica mostra que a explicação para esta pronúncia é outra, qual seja, no português brasileiro a inserção da vogal epentética [i], em palavras com este tipo de estrutura, é condicionada
- (A) pela presença, no núcleo da sílaba anterior, da vogal [i].
 - (B) pelo modo de articulação da consoante precedente (oclusiva).
 - (C) pelo ponto de articulação da consoante precedente (velar).
 - (D) pelo ponto de articulação da consoante seguinte (dental).
 - (E) pelo travamento da sílaba por consoante oclusiva.

Instruções: Para responder às questões de números 20, 21, 22 e 23, considere o poema de João Cabral de Melo Neto, do livro **Serial**.

Graciliano Ramos:

*Falo somente com o que falo:
com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca:*

*de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abaianada,
que fica na lâmina e cega
seu gosto de cicatriz clara.*

*

*Falo somente do que falo:
do seco e de suas paisagens,
Nordestes, debaixo de um sol
ali do mais quente vinagre:
que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem,
folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude.*

*

*Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas
condicionados pelo sol,
pelo gavião e outras rapinas:
e onde estão os solos inertes
de tantas condições caatinga
em que só cabe cultivar
o que é sinônimo da mingua.*

*

*Falo somente para quem falo:
quem padece sono de morto
e precisa um despertador
acre, como o sol sobre o olho:
que é quando o sol é estridente,
a contra-pelo, imperioso,
e bate nas pálpebras como
se bate numa porta a socos.*

20. A expressão "Falo somente" abre cada um dos blocos do poema e neles se desenvolve de modo a caracterizar, no conjunto,
- (A) o quanto há de restrição e impotência na linguagem ficcional de Graciliano Ramos, autor cujos princípios éticos e estéticos se opõem diametralmente aos de João Cabral.
 - (B) as convicções e a consciência que Fabiano e Severino manifestam em relação à linguagem de que se valem nas obras em que são personagens-narradores.
 - (C) um registro estilístico marcado pela contenção e pela secura do discurso – características que inviabilizam a intenção de denúncia social alimentada pelo autor de **Vidas secas**.
 - (D) procedimentos e atitudes relativos ao rigor da criação literária, que o autor de **Morte e vida severina** não deixa de compartilhar com o autor de **Vidas secas**.
 - (E) a severidade que João Cabral tanto admira no estilo de Graciliano Ramos, para a qual o poeta pernambucano não encontra equivalência em seu próprio estilo poético.

21. Nas quatro primeiras estrofes do poema, João Cabral utiliza um sistema de figuração no qual

- (A) "crosta viscosa" e "resto de janta abaianada" conotam uma fala inteiramente oposta à que se representa em "espinhaço".
- (B) "lâmina" e "cicatriz clara" representam o modo de ação e a consequência da fala representada em "simplesmente folhagem".
- (C) o efeito sinestésico que está em "cega / seu gosto de cicatriz clara" acentua as múltiplas características da fala representada por "espinhaço".
- (D) "um sol do mais quente vinagre" expressa uma condição favorável para a expansão de uma retórica "onde possa esconder-se a fraude".
- (E) "as mesmas vinte palavras" referem-se à precariedade de expressão do discurso a que aludem "folha prolixa" e "folharada".

22. A propósito da construção "pelo sol, pelo gavião e outras rapinas", considere as seguintes afirmações:

- I. Pode ser entendida como significando "pela natureza, pelos animais e pelo homem".
- II. A quebra sintático-semântica em "outras rapinas" dá relevo à exploração econômica.
- III. A sequência de "sol" e "gavião" sugere que há eclipse de "aves".

É correto afirmar apenas

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.

23. A contribuição precisa que determinados sufixos trazem para o sentido de uma forma derivada é em grande parte condicionada pelo contexto. Nesse sentido, pode-se afirmar, a respeito do sufixo -ada em "folharada" (na sequência "cresta o simplesmente folhagem / folha prolixa, folharada / onde possa esconder-se a fraude"), que, além do sentido básico de 'coleção', 'multidão', esse sufixo adquire uma conotação pejorativa, associada à idéia de

- I. excesso, por oposição à idéia de essencial.
- II. confusão, por oposição à idéia de excesso.
- III. síntese, em reforço à idéia de dissimulação.

É correto apenas o que se afirma em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) I e III.

Instruções: Para responder às questões de números 24, 25, 26 e 27, considere o texto abaixo, de Machado de Assis, na obra **Dom Casmurro**.

Capítulo XIV – A inscrição

Tudo o que contei no fim do outro capítulo foi obra de um instante. O que se lhe seguiu foi ainda mais rápido. Dei um pulo, e antes que ela raspasse o muro, li estes dois nomes, abertos ao prego, e assim dispostos:

Bento Capitolina

1 Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão.
2 Ergueu-os logo, e ficamos a olhar um para o outro...
3 Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três
4 páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não
5 falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos,
6 as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas
7 quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não
8 marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado;
9 sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e
10 que eu poria aqui com os erros de ortografia que
11 trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença
12 entre o estudante e o adolescente. Conhecia as regras do
13 escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim
14 e era virgem de mulheres.

15 Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de
16 cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se e
17 desfitavam-se, e depois de vagarem ao perto, tornavam-
18 se a meter-se uns pelos outros... Padre futuro, estava
19 assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces
20 a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o
21 cálix, os lábios a patena. Faltava dizer a missa nova, por
22 um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos
23 homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha
24 devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver
25 menos curial no estilo. Estávamos ali com o céu em nós.
26 As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas
27 uma só, mas uma só criatura seráfica. Os olhos
28 continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras de boca
29 é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas
30 como vinham...

24. No texto acima, "altar", "epístola", "evangelho", "cálix" e "patena" designam componentes de um importante ritual católico, a missa. Assim, do ponto de vista da lingüística de texto, esses elementos configuram um exemplo de

- (A) conhecimento partilhado que confere coesão ao texto.
- (B) conhecimento pressuposto que confere coesão ao texto.
- (C) esquema, ou "frame", que confere coerência e coesão ao texto.
- (D) pressuposto a partir de um esquema cognitivo.
- (E) coesão lexical que não contribui para a coerência.

25. Na sintaxe típica do português, pronomes possessivos antecedem o nome, e sua posposição produz efeitos de sentido diversos. Na expressão <i>"leitora minha devota"</i> (linhas 23 e 24), (A) a posição de "minha" entre "leitora" e "devota" não produz efeito algum de ambigüidade, dado que "minha" não qualifica adjetivos, como "devota". (B) há uma simples posposição de "minha" em relação a "leitora", sem que "devota" seja qualificada de qualquer forma, porque não está no escopo de "minha". (C) não há posposição de "minha" em relação a "leitora"; "minha" simplesmente ocorre antes de "devota", o que faz desta uma construção típica do português. (D) a posição de "minha" entre "leitora" e "devota" sugere que "minha" qualifica tanto "leitora" quanto "devota", explorando-se a sintaxe para produzir efeitos de ambigüidade. (E) a posição de "minha" antes de "devota" produz como efeito que a única leitura possível é "minha devota leitora", ficando claro que "minha" qualifica apenas "devota".	28. O texto dramático e as indicações para a encenação da peça Vestido de noiva, de Nelson Rodrigues, evidenciam que, para este autor, (A) as personagens devem mover-se no plano da trágica realidade, discretamente atravessado por líricas reminiscências pessoais. (B) devem distinguir-se com nitidez os planos da alucinação, da realidade e da memória, fixando-se cada protagonista no plano que lhe corresponde. (C) não há fronteiras entre o mundo imaginário e o mundo real, razão pela qual todas as personagens movem-se, com igual agilidade, entre esses dois planos. (D) importou criar um efeito de simultaneidade de tempos, por meio da qual se entrelaçam as ações do presente, as evocações e as fantasmagorias. (E) é essencial demonstrar que, no teatro como na vida, a seqüência das ações cumpre um claro roteiro, em cujas etapas se constitui nosso aperfeiçoamento moral.
26. Considere a sintaxe do trecho <i>"... as mãos é que se estenderam pouco a pouco"</i> (linha 6). A expressão <i>"é que"</i> (A) acentua a função de tópico de <i>"as mãos"</i>, o que salienta ainda mais o fato de o restante do corpo não se ter movido. (B) não tem função alguma na oração, que teria exatamente o mesmo sentido, no texto, se a expressão fosse eliminada. (C) garante o mesmo sentido da oração original na alternativa sintática <i>"é que as mãos se estenderam pouco a pouco"</i>. (D) garante o mesmo sentido da oração original na alternativa sintática <i>"pouco a pouco é que as mãos se estenderam"</i>. (E) teria função sintática e expressiva se o trecho imediatamente anterior fosse afirmativo ao invés de negativo.	29. Atente para a seguinte passagem do conto "A hora e vez de Augusto Matraga", de Guimarães Rosa. <i>Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.</i> – <i>Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?</i> – <i>Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum.</i> Evidencia-se, nesta passagem, um procedimento típico da expressão deste autor, identificado pela
27. Neste capítulo, o sentido do silêncio das personagens é traduzido pelo narrador de modo a expressar inequivocamente, no contexto do romance, (A) os gestos e as sensações de Capitu, motivados pelo mesmo enlevo e envolvimento amorosos que caracterizam os gestos e as sensações de Bentinho. (B) o contraste entre o interesse sincero de Bentinho por Capitu, manifesto no olhar do seminarista, e as atitudes da adolescente, que lhe parecem esquivas. (C) as indecisões enfrentadas pelo amor dos dois adolescentes, divididos entre o arrebatamento dos instintos e os valores de sua rígida formação católica. (D) um paralelismo entre as hesitações amorosas do adolescente e a oscilação dos sentimentos que fazem fraquejar a jovem Capitu. (E) um enlevo amoroso, expresso por uma alegoria que não deixa esquecer a formação religiosa de Bentinho e a promessa de D. Glória.	(A) manutenção da distância entre o universo da linguagem do narrador, literariamente trabalhada, e o universo da linguagem rude das personagens. (B) correspondência entre o mundo subjetivo das personagens e o universo de uma linguagem criada a partir do meio cultural em que elas vivem. (C) elaboração de uma linguagem tão respeitosa da tradição do regionalismo romântico quanto do coloquialismo herdado dos prosadores naturalistas. (D) manutenção da distância entre as falas de personagens que, embora vivendo no mesmo meio, carregam experiências difíceis de compartilhar. (E) oposição entre os valores típicos da cultura sertaneja, nascida das experiências, e o caráter da linguagem religiosa, que obriga à conceituação abstrata.

30. <i>Belo belo belo</i> <i>Tenho tudo quanto quero</i> <i>Tenho o fogo de constelações extintas há milênios</i> <i>E o risco brevíssimo – que foi? passou! – de tantas</i> <i>estrelas cadentes.</i> <i>A aurora apaga-se,</i> <i>E eu guardo as mais puras lágrimas da aurora.</i> <i>O dia vem, e dia adentro</i> <i>Continuo a possuir o segredo grande da noite.</i> Nos versos acima, Manuel Bandeira tece variações em torno de um procedimento habitual de sua lírica madura, que é (A) desconsiderar a dimensão do transcendente para melhor encarecer o valor das circunstâncias mais prosaicas. (B) recuperar os efeitos musicais da poesia simbolista, dissociando-os do sentido das imagens. (C) enumerar os temas de sua predileção, identificados com as belezas que a natureza guarda dentro de si mesma. (D) cantar a beleza que reside na efemeridade das coisas, valorizando assim tudo o que é contingente na condição humana. (E) valorizar o recolhimento íntimo de coisas transitórias, conferindo-lhes a qualidade da permanência poética.	32. <i>Leia a posteridade, ó pátrio Rio,</i> <i>Em meus versos teu nome celebrado;</i> <i>Por que vejas uma hora despertado</i> <i>O sono vil do esquecimento frio:</i> <i>Não vês nas tuas margens o sombrio,</i> <i>Fresco assento de um álamo copado;</i> <i>Não vês ninfa cantar, pastar o gado</i> <i>Na tarde clara do calmoso estio.</i> Nestas quadras, Cláudio Manuel da Costa expõe de modo sugestivo a situação particular de um árcade brasileiro, (A) ao reconhecer em nossa natureza elementos que tanto favorecem a representação dos mais altos ideais da poesia neoclássica. (B) ao assumir orgulhosamente a condição de um poeta que, fechando-se às influências estrangeiras, sente-se glorificado em sua própria cultura. (C) ao renunciar à esperança de ver seu nome imortalizado, uma vez que faltam à natureza que canta os elementos que enobrecem a verdadeira poesia. (D) ao encontrar na paisagem de sua terra a serenidade que o faz esquecer os predicados da natureza arcádica, celebrados por poetas europeus. (E) ao contrastar a realidade da natureza de sua terra natal com a natureza idealizada nos paradigmas do bucolismo da poesia européia do século XVIII.
31. Comparando-se as obras poéticas de Álvares de Azevedo e de Castro Alves, com base nos elementos que melhor e mais intensamente caracterizam seus respectivos estilos, evidencia-se o fato de que (A) a afirmação dos valores próprios da cultura nacional é mais enfática na Lira dos vinte anos que em Espumas flutuantes, dado que a obra de Álvares de Azevedo ainda se deixa reger pela necessidade de afirmação da nossa Independência. (B) a representação dos sentimentos amorosos não guarda qualquer diferença quanto à atitude do eu lírico em relação à mulher, mas na poesia de Castro Alves há momentos de sátira e de paródia, que não são admitidos na de Álvares de Azevedo. (C) a idealização romântica do amor está presente em ambos, com tonalidades distintas, mas apenas o segundo se deixou atrair pelo condoreirismo, com o qual ganham altura os símbolos e as alegorias que servem ao poeta em sua missão. (D) a poesia do primeiro está mais naturalmente afinada ao lirismo romântico que a do segundo, já que o poeta baiano descuida da vertente da poesia amorosa em função dos compromissos que assume com os movimentos libertários do final do século. (E) a retórica de Castro Alves serve enfaticamente à representação de certas causas históricas, ao passo que o tom intimista dos versos de Álvares de Azevedo compromete a maior parte dos poemas dedicados àquelas mesmas causas.	33. Quando um povo é dominado e colonizado, seus ritos e crenças costumam dessacralizar-se nesse confronto. Tal dessacralização pode ser entrevista, por um leitor atento, numa passagem de Iracema, de José de Alencar: Araquém, removendo uma pedra, permite que Martim perceba que a "<i>voz de Tupã era o eco da arrebenção das ondas do mar sob o rochedo, ecoando pela galeria subterrânea, sobre cuja boca o pajé instalara providencialmente sua cabana</i>", ou seja, (A) o poder mágico do pajé, que atemoriza os guerreiros, desvenda-se como um truque cujo segredo passa a ser compartilhado com o estrangeiro. (B) o pajé, expondo ao guerreiro branco a fonte de um poder sobrenatural, revela um segredo até então compartilhado apenas com seus irmãos tabajaras. (C) o termo "providencialmente", ligado a <i>Providência</i>, insinua que Araquém tinha convicção quanto às origens divinas de um poder facilmente desmascarado. (D) o malicioso pajé faz ver a Martim que a cultura indígena, criativa e engenhosa, pode ser vantajosamente assimilada pela cultura do branco. (E) a natureza propicia ao índio revelações mágicas que o homem branco, mais afastado dela, está longe de compreender e aproveitar.

34. As quadras seguintes fazem parte de um poema de Gregório de Matos.

*Haverá duzentos anos,
nem tantos podem contar-se,
que éreis uma aldeia pobre,
e hoje sois rica cidade.*

*Então vos pisavam índios,
e vos habitavam cafres,
hoje chispais fidalguias,
arrojando personagens.*

Nota: **cafres**: provenientes da Cafrária, antigo nome de uma região da África.

Considere as seguintes afirmações sobre o Gregório satírico:

- I. A prosperidade da Bahia é ironicamente atribuída ao senso do improviso e à sensualidade – características com que o poeta estigmatiza o povo baiano.
- II. O poeta costuma vingar-se da ascensão social dos mestiços bem-sucedidos ridicularizando-lhes as pretensas origens aristocráticas.
- III. A repulsa aos nobres portugueses, exploradores da cidade da Bahia, incita o poeta a acusá-los das atrocidades cometidas contra os negros e os índios.

As quadras ilustram apenas o que se afirma em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.

35. (...) o Padre Amaro vive numa cidade de província, no meio de mulheres, ao lado de outros que do sacerdócio só têm a batina e as propinas; vê-os concupiscentes e maritalmente estabelecidos, sem perderem um só átomo de influência e consideração. Sendo assim, não se compreende o terror do Padre Amaro, no dia em que do seu erro lhe nasce um filho, e muito menos se compreende que o mate. Das duas forças que lutam na alma do Padre Amaro, uma é real e efetiva – o sentimento de paternidade; a outra é quimérica e impossível – o terror da opinião, que ele tem visto tolerante e cúmplice no desvio dos seus confrades; e não obstante, é esta a força que triunfa. Haverá aí alguma verdade moral?

(Fragmento de texto crítico de Machado de Assis sobre Eça de Queirós)

A leitura deste fragmento, em sala de aula, permitiria ao professor tecer considerações sobre as idéias nele defendidas e sobre a relação de um leitor com o texto crítico. Neste sentido, é adequado frisar para o aluno que

- (A) se pode ou não concordar com a censura de um crítico, e Machado reprova em Eça de Queirós a defesa de tese determinista.
- (B) a crítica deve ater-se unicamente à análise de aspectos técnicos do texto, como esta, que censura o realismo implacável da representação de Eça de Queirós.
- (C) a crítica é uma defesa criteriosa de um ponto de vista, e nesta Machado reclama da falta de verossimilhança no referido romance de Eça de Queirós.
- (D) há críticos inquestionáveis, como Machado de Assis, que reprova neste fragmento o excesso de pormenores na caracterização do protagonista.
- (E) uma crítica competente referenda conceitos universais, como esta, de Machado, na qual o autor censura a exploração literária de fatos que não são possíveis na vida real.

36. **Memorial do convento**, de José Saramago, que toma por assunto um momento da História de Portugal – a construção do convento de Mafra, no reinado de D. João V –, inova o romance histórico porque, diferentemente do modelo estabelecido pelo Romantismo,

- (A) narra literariamente fatos da vida portuguesa, reafirmando a interpretação oficial da História.
- (B) traduz os fatos historicamente acontecidos, valendo-se de um discurso que recupera o universo lingüístico da época retratada.
- (C) mescla, ao longo da narrativa, figuras tiradas da História com outras criadas pela imaginação do autor.
- (D) utiliza uma voz narrativa onisciente para denunciar o antagonismo irreversível entre a nobreza, o clero e o povo.
- (E) ironiza a leitura convencional da História, observando o passado sob múltiplos pontos de vista.

37. Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, apresenta-se como um poeta ingênuo, que canta a natureza espontaneamente. <i>O meu olhar azul como o céu</i> <i>É calmo como a água ao sol.</i> <i>É assim azul e calmo</i> <i>Porque não interroga nem espanta.</i> A estrofe acima permite ao leitor observar que (A) a utilização de metáforas indica uma relação concreta do eu com a natureza. (B) a ausência do eu possibilita a criação de uma poesia voltada para a natureza. (C) a caracterização que o poeta faz do olhar, chegando à abstração do último verso, desmente a sua declarada ingenuidade. (D) a repetição de certas estruturas confirma a presença de uma visão romântica da natureza. (E) o ambiente bucólico, que relembra composições da antiguidade greco-latina, revela o modelo clássico adotado pelo poeta.	39. Antônio José Saraiva e Óscar Lopes, em História da literatura portuguesa, comentando Frei Luís de Souza, de Almeida Garrett, afirmam: <i>"... é interessante verificar como a peça supera um dos cânones da tragédia clássica (o seu aristocratismo social)..."</i>. A afirmação dos críticos apóia-se no fato de que o autor (A) conferiu nobreza ética a Telmo, o criado, a quem as personagens femininas, por sua afetuosa veneração, nunca sabem ao certo como tratar. (B) revestiu Maria de idealismo, tornando-a representante das reivindicações mais romanticamente democráticas. (C) atribuiu sentimento de culpa a D. Madalena, realçando o esforço da personagem para recalcar o remorso. (D) fez do Romeiro (D. João de Portugal) o portador da fatalidade que destrói toda a vida organizada depois de sua suposta morte. (E) caracterizou D. Manuel de Sousa (Frei Luís de Sousa) como português exemplar, marido zeloso e admirador do suposto morto.
38. Inscrição <i>Eu vi a luz em um país perdido.</i> <i>A minha alma é lânguida e inerme.</i> <i>Oh! quem pudesse deslizar sem ruído!</i> <i>No chão sumir-se como faz um verme.</i> No poema acima, que abre o livro Clepsidra, de Camilo Pessanha, está presente um dos temas recorrentes na poesia do escritor: (A) a fusão que se estabelece entre o ideal e o real, motivada pelo ensimesmamento do sujeito lírico. (B) a busca, através da palavra poética, da reconstrução de um universo fragmentado. (C) a expansão desmesurada do eu como resposta a uma realidade destituída de sentido. (D) a crise existencial do "eu lírico", manifesta no desejo de despersonalizar-se. (E) o reconhecimento da palavra poética como instrumento de recuperação da transcendência perdida.	40. Pode-se estabelecer uma aproximação entre Os lusíadas, de Camões, e Mensagem, de Fernando Pessoa, considerando-se, nas duas obras, (A) o tom nostálgico no trato de questões históricas medievais e contemporâneas. (B) a relação estabelecida entre mito e História, que possibilita a referência ao sebastianismo. (C) a visão pessimista que se elabora acerca do destino de Portugal. (D) a ironia, que envolve toda a reflexão sobre o passado retratado. (E) a perfeita harmonia que se estabelece entre passado e presente.

2ª PARTE

Atenção:

- Nesta parte da prova, há 4 questões, duas de **Língua** (questões 1 e 2) e duas de **Literatura** (questões 3 e 4). Você deverá responder apenas a duas questões, sendo uma delas, **obrigatoriamente**, de **Língua** (valor 50 pontos) e a outra, **obrigatoriamente**, de **Literatura** (valor 50 pontos).
- As respostas às questões de **Língua** (1 ou 2) e de **Literatura** (3 ou 4) devem ser transcritas nos espaços reservados para cada uma delas.
- Assinale, no local indicado, o número da questão escolhida.

QUESTÃO 1

Considere o texto da carta (p. 2) que introduz as questões 1, 2, 3 e 4 da 1ª Parte desta prova.

Imagine que, em vez de enviar a carta ao "especialista" que mantém uma coluna em um órgão da imprensa, o estudante tivesse manifestado sua preocupação diretamente a você, seu professor de língua portuguesa.

Com base na formação que você adquiriu ao longo do curso de Letras, **elabore a argumentação** que usaria para esclarecer as dúvidas desses estudantes sobre a "mobilidade do nosso idioma".

QUESTÃO 2

Considere os seguintes artigos constantes do projeto de Lei nº 1.676, apresentado por um deputado federal como um projeto "que dá início à campanha de defesa da língua portuguesa contra os estrangeirismos que corrompem um dos símbolos da identidade nacional".

Art. 3º É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano (...).

Art. 4º Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, considerar-se-á:

- I. *prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;*
- II. *prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie.*
- III. *prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.*

(...)

Art. 6º O descumprimento de qualquer disposição desta lei sujeita o infrator a sanção administrativa, na forma da regulamentação, sem prejuízo das sanções de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas (...).

Considere, ainda, o que afirma um escritor português, em 1983, quando indagado sobre os possíveis efeitos negativos da introdução de brasileirismos no português de Portugal.

Experimento [uma certa perplexidade] sempre que me põem questões como esta: "Estão a assassinar o Português".

É verdade que são altamente deseducativos não poucos noticiários e programas televisivos inçados de impropriedades vocabulares e de horrores sintáticos, sobretudo quando se trata do "sermão" oficial. Mas não vamos a partir daí condenar todos os brasileirismos oriundos das telenovelas que já entraram na língua portuguesa: nem todos a abastardam, muitos enriquecem-na acrescentando-lhe colorido e humor. A língua é um corpo movente e não há comportas que sustentem a força de quem fala.

Urbano Tavares Rodrigues. "A língua, corpo movente", em **Estão a assassinar o Português!**
Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983

Espera-se que você, como profissional de Letras, perceba **os problemas conceituais** associados à suposição de que uma eventual "invasão de estrangeirismos" possa provocar a "deterioração" de um idioma. Levando em conta as considerações acima, de Urbano Tavares Rodrigues, os conhecimentos que você obteve sobre a história das línguas e outros argumentos que você julgar relevantes, elabore uma argumentação relativa à **pertinência** do projeto de Lei nº 1.676.

QUESTÃO 3

É de Álvaro Lins a seguinte passagem crítica sobre **Vidas secas**, de Graciliano Ramos:

*(...) tecnicamente, **Vidas secas** apresenta dois defeitos consideráveis. Um deles é que a novela, tendo sido construída em quadros, os seus capítulos, assim independentes, não se articulam formalmente com bastante firmeza e segurança. Cada um deles é uma peça autônoma, vivendo por si mesma, com um valor tão indiscutível, aliás, que se poderia escolher qualquer um, conforme o gosto pessoal, para as antologias. O outro defeito é o excesso de introspecção em personagens tão primários e rústicos, estando constituída quase toda a novela de monólogos interiores. A inverossimilhança, neste caso, não provém da substância, mas da técnica. Se houvesse maior proporção entre episódios e monólogos, entre a vida exterior e a interior dos personagens, este problema da ficção teria sido resolvido de maneira perfeita."*

("Valores e misérias de **Vidas secas**". In: **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 167)

Refleta sobre os pressupostos que levaram Álvaro Lins a assinalar os "dois defeitos consideráveis" da novela de Graciliano Ramos. Em seguida, redija um texto no qual você deverá:

- a) esclarecer quais foram esses pressupostos críticos.
- b) posicionar-se pessoalmente em relação aos pressupostos críticos utilizados pelo ensaísta e às restrições decorrentes deles.

QUESTÃO 4

Atente para os passos da seguinte reflexão:

- 1) Não há como confundir a pessoa do escritor com a figura do narrador.
- 2) De fato, não há qualquer relação entre a identidade civil e a identidade ficcional: que tem a ver o cidadão Joaquim Maria Machado de Assis com o narrador de **Dom Casmurro**? Bento Santiago em nada participa do mundo real em que se encontra seu criador; por sua vez, Machado de Assis está livre para criar o que bem entende, exercendo o poder absoluto da imaginação.
- 3) Por isso, os elementos da biografia de um escritor e os valores culturais de sua época não têm relevância para a leitura da prosa de ficção: importam, sim, o estilo, as personagens, as ações e os demais elementos que compõem o universo interno e autônomo de todo texto literário.

Redija um texto em que, diante do que se afirma em cada um desses passos, você argumente no sentido de fortalecer as idéias apresentadas ou, ao contrário, exponha razões que constituam uma contra-argumentação.

Espaço reservado para o rascunho da resposta da questão de **Língua** (questão 1 ou 2)

Espaço reservado para o rascunho da resposta da questão de **Literatura** (questão 3 ou 4)
